

## PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO SEXUAL: O DIVÓRCIO INEXISTENTE\*

*Sempre me irritou uma certa forma de ortodoxia freudiana que olha com desdém os esforços visando criar as condições necessárias para uma verdadeira educação dos jovens. E não utilizo a expressão «educação sexual» porque cada vez mais a ouço — com agrado... — ser acusada de redundância. Será concebível educar alguém escamoteando a vertente sexual da sua vida? Ou a importância da sexualidade em áreas tão diversas como a História, a Literatura, a Biologia e a Arte? À sombra da noção de inconsciente (que sempre aceitei) cultivava-se por vezes um niilismo que nega a possibilidade de influenciar através da informação — e sobretudo da formação, corporizada num diálogo franco — os trajectos psicosssexuais. Por isso aproveitei a oportunidade para ilibar o velho Mestre de Viena de tal conjura, citando um texto porventura menos conhecido do grande público, a carta aberta «As explicações sexuais dadas às crianças», dirigida ao Dr. M. Furst em 1907.*

*O cepticismo de Freud em relação à neutralidade dos pais faz sorrir, pois quem consegue a isenção quando os rebentos estão em causa? Mas por outro lado, sabemos hoje, com saber de inquéritos feito, que eles desejam a privacidade e contudo referem os «velhotes» como interlocutores privilegiados para diálogos que não tiveram. As referências pouco abonatórias à hierarquia eclesiástica que antecedem a conclusão sobre a necessidade de «transformação dos fundamentos de todo o Sistema» foram, noto-o hoje, singularmente adoçadas no meu texto. Eu e a minha relação perversa com a Igreja que me educou... Quanto a Winnicott, sempre foi um dos meus autores favoritos. Pela meiguice do verbo, a finura da análise, a importância dada à relação e o apelo a uma «abordagem personalizada». Os anos passam e não mudo de opinião: a Psicanálise junta intuições geniais, observações aturadas, especulações impossíveis de verificar e erros crassos, numa visão do Homem desenvolvida em determinado contexto histórico. Como seria natural. Pena foi que muitos dos seguidores de Freud tenham preferido arvorar a sua obra em verdade revelada e não em ponto de partida, mas compreendendos, é-lhes mais fácil guardar o Templo revendo-se nos iniciados do que viver entre os simples mortais e as dúvidas que suscitam.*

*Prefiro os outros.*

Quando me convidaram para escrever algumas linhas sobre a autonomia sexual dos jovens decidi firmemente manter-me no estatuto de educador e regente de um curso de Sexualidade Humana. Decisão cautelosa, asséptica e mesmo tingida de uma certa hipocrisia, por vinda de alguém que sempre defendeu bem mais do que a simples coexistência pacífica entre Sexologia e Psicanálise. Nada tenho a opor à afirmação de que Freud nunca foi sexólogo. A sexualidade humana impôs-se-lhe no seu estudo da vida psíquica em geral e das neuroses em particular, mas não constituía o objecto último da sua pesquisa, o que não impediu Freud de citar homens como Havelock Ellis ou Magnus Hirschfeld em apoio das suas teses. Não fora o conflito com Fliess sobre a autoria do conceito de bissexualidade e penso até que a colaboração de Freud com todo o movimento sexológico teria sido bem maior, com as vantagens daí decorrentes.

No entanto, considero que nada autoriza a utilização do nome de Freud contra a noção de uma educação sexualizada, utilização essa por vezes corporizada na célebre resposta a pergunta de mãe ambicionando para o filho crescimento sem falhas: «Minha senhora, faça o que quiser. De qualquer modo cometerá erros.» Estranha equação esta entre a constatação de uma evidência (os pais perfeitos não existem) e a conclusão, abusiva, de que o velho Mestre de Viena se opunha a uma educação sexual dos jovens. É consoladoramente falso.

Admitamos por um momento que tenho razão, mesmo antes de fundamentar a minha afirmação. Terá isso a ver com a autonomia sexual dos adolescentes? A gordura das palavras, de que nos fala Eugénio de Andrade, também aqui reina incontestada. O que entendemos por au-

tonomia? Se o erro de alguns, ao confundi-la com meros comportamentos, se torna por demais evidente, seria ingénuo não reconhecer os perigos de uma visão ferozmente intrapsíquica dos processos que conduzem à possibilidade de escolha do objecto não incestuoso. Numa palavra — à liberdade.

Hermann Hesse escreveu que o conhecimento pode ser transmitido, mas não a sabedoria. De acordo. E tarefas como o luto das imagens parentais, a reconciliação com o pai do mesmo sexo ou a descoberta da intimidade para além do contacto das epidermes não se compadecem com meras palavras de circunstância ou esquemas em quadros negros, logo apagados para ceder o lugar a outra qualquer matéria. Mas é errado pensar que o conhecimento é inútil ou a sabedoria só se obtém a partir de erros inevitáveis. Há oitenta e dois anos atrás, Freud explicava-o bem melhor do que eu, numa carta aberta ao Dr. Furst: «Que se pretende quando se quer esconder às crianças — ou aos adolescentes — as explicações sobre a vida sexual dos seres humanos? Receia-se despertar precocemente o seu interesse por esses assuntos, antes que ele apareça espontaneamente? Com essa dissimulação espera-se conter a sua pulsão sexual até ao dia em que ela poderá percorrer as únicas vias que lhe são abertas pela ordem social burguesa? Quererá dizer-se que as crianças não mostrariam nenhum interesse ou compreensão pelos factos e enigmas da vida sexual se não fossem iniciadas por alguém do exterior? Crê-se possível que os conhecimentos que se lhes recusam não lhes sejam dados de um outro modo? Ou deseja-se, real e sinceramente, que mais tarde julguem tudo o que diz respeito ao sexo como algo de vil e abominável, de que

os pais e educadores quiseram mantê-los afastados tanto tempo quanto possível?»

A análise destas poucas linhas é tristemente fascinante para todos os que se dedicam à educação sexual. Freud fala dos fantasmas que tantas vezes nos atalham o caminho: o medo do efeito afrodisíaco da informação sexual, a convicção ingénuo de que a ignorância levará ao aparecimento de uma actividade sexual quando e como é desejada pelos pais e pela sociedade em geral, a ilusão de que uma outra (má) educação sexual não existe à volta das mesas de café ou nos lavabos dos liceus. E por último, a culpabilidade, esse polícia interno sempre pronto a impedir o comportamento ou a despi-lo do prazer, numa tentativa desesperada de satisfazer gregos e troianos. É o caso desses jovens que nos procuram e descrevem uma pseudolibertação melancólica, cheia de orgasmos contrafeitos e de um mal-estar indefinível que se parece estranhamente com a sombra de um pecado.

As pistas fornecidas por esta carta são múltiplas, não faltando uma referência à necessidade da educação dos pais, que continua a ser praticamente inexistente nos nossos dias. Mas era dos filhos que falávamos, darei de novo a palavra a Freud: «Evidentemente, se a intenção do educador é liquidar o mais cedo possível qualquer tentativa da criança de pensar de uma forma independente, em nome da “honestidade” tão prezada, nada o poderá ajudar mais do que enganá-la sob o ponto de vista sexual e intimidá-la no campo religioso.» Freud fala claramente de autonomia e das mil maneiras de a impedir em nome dos bons costumes ou de uma moral dita divina, mas pensada, escrita e aplicada por homens que,